



Campos do Serrano, ... de outubro de 1998.

Oi, Emília, como vai?

Eu vou indo muito bem, apesar de ouvir reclamações constantes do marido e dos filhos por causa do meu envolvimento com o trabalho. Eles dizem que dou mais atenção à escola que a eles — e é assim mesmo: o trabalho me absorve...

Agradeço as dicas que você me deu sobre a HTPC. Realmente, elas estão me ajudando bastante a organizar as reuniões, assim como a bibliografia que você sugeriu.

No momento, estou bastante preocupada com o grande número de notas vermelhas que algumas disciplinas apresentaram no último Conselho Bimestral.

Entre tantos casos que discutimos, o do professor de História da 8ª série me chamou muito a atenção, principalmente porque ele é considerado, por seus colegas, um profissional sério e comprometido, que está sempre muito em dia com as discussões feitas em sua área. No entanto, seus alunos vêm apresentando um índice muito alto de notas vermelhas.

Na reunião do Conselho, quando começamos a discutir a 8ª série, o caso de História foi focado. O professor dessa disciplina justificou o baixo rendimento de seus alunos, dizendo que a maioria deles não sabe fazer análises e estabelecer relações entre fatos e conceitos, não sabendo sequer resumir ou interpretar textos — coisa que já deveriam ter aprendido em Português — e portanto, que não cabe a ele ensinar, já que deve

dar conta do conteúdo programado para a série, o que não é pouco.

Nesse momento, a professora de Português, discordando, argumentou que analisar, estabelecer relações, resumir e interpretar devem ser trabalhados em todas as disciplinas, não somente em Português.

O professor de História não discutiu o argumento da professora de Português e continuou dizendo que procurava garantir não só a memorização de fatos, mas, e principalmente, o estabelecimento de relações entre diferentes assuntos e conceitos. Colocou que, por estar preocupado com isso, faz questão de apresentar, especialmente nas provas, muitas questões que buscam a análise, a comparação e a extrapolação dos conhecimentos trabalhados.

Na semana seguinte a esse Conselho, tivemos Reuniões de Pais e Mestres na escola para avaliação do bimestre. Como sempre faço, estava circulando pelas salas e, ao passar em frente à sala das 8^{as} séries, encontrei um grupo de pais conversando com o professor de História. Alguns queixavam-se de seu trabalho, dizendo que seus filhos vão indo bem em outras matérias, menos em História, o que os preocupa. Dois ou três chegaram até a dizer que o professor não tem se interessado em entender as dificuldades dos alunos ou em ajudá-los.

Ele, por sua vez, enfatizava a importância de sua disciplina para o desenvolvimento, nos alunos, de uma consciência social mais ampla, dizia que aqueles que não conseguiam obter boas notas não se interessavam pela matéria, nem estudavam em casa.

Outros pais também se colocaram a seu favor, dizendo que ele faz o que pode: “Basta ver os cadernos dos alunos, cheios de lições feitas em classe!”, “Os alunos que estão indo mal são desinteressados e indisciplinados e, provavelmente, não costumam fazer as tarefas de casa”.

Entretanto, no começo desta semana, alguns dos alunos da 8ª série que estão com notas vermelhas em História também me procuraram para reclamar do professor. Falaram que suas aulas são chatas, que a maioria da classe não participa, que o livro didático é difícil de entender — e as explicações do professor nem sempre ajudam a entendê-lo — e que as provas são fogo! As perguntas exigem informações nem sempre trabalhadas em sala de aula. Alguns deles afirmaram, inclusive, que “racharam” de estudar para as provas, mas que, apesar de se sentirem preparados, as perguntas foram tão difíceis que não conseguiram ir bem.

Eu fiquei muito “encucada”, preocupada com essa quantidade de queixas vindas, ao mesmo tempo, de lugares diferentes... Cheguei, até mesmo, a discutir essas coisas com meu marido... Ele falou que a escola é assim mesmo: o prêmio vai para quem se esforça... E que isso não precisava me deixar tão preocupada...

Resolvi, então, pedir os cadernos destes alunos para dar uma olhada. Observando as atividades, percebi que eram questionários com respostas transcritas do livro didático, exigindo a localização de informações — e não uma reflexão decorrente da análise ou comparação entre os fatos e os conceitos trabalhados —, e que não havia qualquer indício de correção individual ou coletiva. Ao olhar as provas, coladas no caderno, percebi que elas continham

perguntas abertas que, exigindo o estabelecimento de relações entre fatos, conceitos e dados da realidade, davam margem à inúmeras interpretações e respostas, o que tornava a avaliação muito subjetiva. Como o professor pretende que os alunos possam responder tais questões se as habilidades necessárias para respondê-las não são trabalhadas regularmente?

Estes acontecimentos têm me feito pensar: Por que será que é tão difícil aceitarmos que os resultados obtidos por nossos alunos dependem, em boa parte, do trabalho que desenvolvemos em sala de aula?

Como devo encaminhar essa questão? Afinal, ela é tão delicada, envolve tantas coisas, tantas crenças sobre a avaliação ("A nota vermelha" é um fantasma que mora no armário de muita gente!!!). Você tem alguma dica, algum texto para me indicar?

Você não acha que isso dá discussão para "um ano" de HTPC?

Um grande abraço,
Clarice